



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
HAB. PRODUÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA**

CAMELE LYRA QUEIROZ

MEMÓRIA DO DOCUMENTÁRIO “*BOM DESPACHO*”
MEMORIAL DESCRITIVO DO PROCESSO DE CONCEPÇÃO E
ELABORAÇÃO DA OBRA.

Salvador
2010

CAMELE LYRA QUEIROZ

MEMÓRIA DO DOCUMENTÁRIO “*BOM DESPACHO*”
MEMORIAL DESCRITIVO DO PROCESSO DE CONCEPÇÃO E ELABORAÇÃO DA OBRA.

Memória apresentada ao curso de graduação em comunicação, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em comunicação.

Orientador: Prof. José Francisco Serafim

Salvador
2010

A

Washington Queiroz, pai querido e companheiro, por ter me incentivado a aprender.

Zélia Cohim Lyra, bisavó querida, referência de resignação e sabedoria.

Que há de espantoso no fato de que a prisão se assemelhe às usinas, às escolas, às casernas, aos hospitais, e de que todos se assemelhem às prisões?

M. Foucault, 1984

Resumo

Este trabalho descreve os processos práticos e conceituais de realização do vídeo experimental intitulado “Bom Despacho”. O vídeo, de caráter documental, busca realizar uma reflexão sobre as condições e práticas do lazer para amplas parcelas da população, através do registro do intenso movimento de pessoas no Terminal Marítimo de Bom Despacho durante o último dia do feriado prolongado do ano novo de 2010.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	06
2. LAZER: DEFINIÇÕES GERAIS	08
3. REFERENCIAL TEÓRICO	10
4. ETAPAS DE PRODUÇÃO: METODOLOGIA	18
4.1 – procedimentos	19
4.2 – abordagem e personagens	20
4.3 – estratégia de gravação	21
4.4 – edição e finalização	22
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
6. REFERÊNCIAS	24
7. ANEXOS	25
7.1 – decupagem	25
7.2 – roteiro final de edição	34
7.3 – recortes de matérias jornalísticas	38

Introdução

O projeto de um vídeo experimental de caráter documental intitulado 'Bom Despacho' surgiu a partir da ideia de compor uma relação entre as dificuldades estruturais enfrentadas pelos usuários do terminal marítimo de Bom Despacho, na Ilha de Itaparica, em dias de grande demanda (como em feriados prolongados) e a responsabilidade das instâncias públicas e privadas responsáveis pela gestão do serviço prestado à população. Escolhi a data 03 de janeiro de 2010 para realização das filmagens por ser o último dia do feriado prolongado de ano novo que, como em anos anteriores, trazia a expectativa de grande fluxo de pessoas e veículos que fariam a travessia da Ilha para Salvador.

Entretanto, o processo de formulação do projeto para a execução das filmagens ensejou uma mudança na perspectiva de abordagem: em vez de conduzir o olhar mantendo os pressupostos iniciais, isto é, tendo como referência os problemas estruturais enfrentados pelos usuários, optei por valorizar as manifestações dos usuários e seus próprios entendimentos acerca da representatividade do lazer em suas vidas, considerando as circunstâncias específicas daquela situação e as condições estruturais necessárias para a efetivação das práticas do lazer para aquelas pessoas. Durante a concepção do projeto, optei, portanto, por uma abordagem que localizasse os personagens como sujeitos ativos que não só compõem o documentário, mas o constroem com suas falas e ações, cujo sentido foi dado dialogicamente na montagem, somando tais falas às imagens captadas.

A realização das etapas conclusivas do projeto, como montagem, pós-produção e finalização suscitou pesquisas e reflexões acerca do processo de construção do discurso do produto audiovisual de caráter documental. As imagens, captadas em bitola MiniDV, totalizaram cinco horas de material bruto que resultou no produto final de 30 minutos de duração, ensejaram reflexões sobre o poder do autor, principalmente considerando as inerentes implicações éticas e estéticas do processo fílmico autoral, resultando num vídeo experimental autoral, mas não autoritário, isento, mas não imparcial.

O projeto foi realizado com recursos próprios, contando com equipamentos de propriedade da autora e com a colaboração de uma equipe de voluntários juntamente com a contratação de um cinegrafista profissional. Na etapa de edição e finalização utilizou-se a ilha de edição não linear da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia e também a minha máquina pessoal. No projeto, atuei nas funções de diretora, produtora, cinegrafista, repórter, roteirista, produção de texto e edição de imagens. A experiência constituiu-se num verdadeiro laboratório, tanto conceitual quanto técnico, das potencialidades da linguagem audiovisual.

O presente trabalho, cujo objetivo principal é o registro memorial descritivo do processo de realização da obra audiovisual 'Bom Despacho', centra-se, especialmente, nas dimensões éticas e estéticas que determinam o processo de realização da obra audiovisual autoral.

Como opção estilística e de estrutura narrativa, o produto final apresenta somente imagens e sons captadas *in loco*, sem uso de trilha sonora nem de inserções de outras imagens que não tenham sido captadas no terminal marítimo de Bom Despacho. Dadas as características próprias do evento a ser filmado – isto é, o fluxo de pessoas no terminal durante um único dia de grande movimento – não houve pesquisa prévia no que se refere aos sujeitos entrevistados, e foi opção estratégica da realizadora não comunicar as instâncias envolvidas na administração do terminal – sejam estas públicas ou privadas – acerca das filmagens. Como resultado, a narrativa documental é construída linearmente com uma clara estrutura temporal, que mostra o transcorrer de um dia (começando pela manhã e terminando no fim da tarde), revelando um discurso proposto e determinado pela montagem final (com seus ritmos e escolhas), composto por elementos como imagens, sons e falas.

No que se refere ao escopo do documentário enquanto obra concluída, buscarei difundir-lo, através da internet, de distribuição independente e da promoção de eventos públicos para exibição e posterior debate, como instrumento de fomento à reflexão e de estímulo à discussão sobre a representatividade do lazer na vida cotidiana das pessoas, considerando as condições estruturais necessárias para a efetivação das práticas sociais e individuais do que essas pessoas entendem por lazer.

Nos capítulos seguintes, as ideias aqui expostas serão aprofundadas. Assim, o segundo capítulo trata das definições gerais acerca do lazer; o terceiro capítulo expõe alguns pressupostos teóricos do documentário no que toca os aspectos éticos e estéticos; o quarto capítulo descreve as fases de produção do vídeo documentário apontando e justificando as principais escolhas feitas ao longo do processo de criação; e o quinto e último capítulo traz as considerações finais.

Lazer: definições gerais

O tema abordado pelo documentário 'Bom Despacho' envolve a questão da representatividade do lazer na vida das pessoas a partir de uma situação específica, a saber, a espera para o embarque no *ferry-boat* e as dificuldades estruturais enfrentadas no terminal. Trata-se de um vídeo documentário construído a partir de personagens-sujeitos, relacionando o meu olhar político com a “política do olhar”¹ que deve perfazer a ética documental e enfatizar a relevância do personagem enquanto sujeito do documentário que dialoga com o autor.

Quando pensa-se em lazer e, mais precisamente, em espaços de lazer na atualidade, é preciso pensar em todo o contexto que envolve tal atividade. Assim, o lazer é uma construção social, mediada por lógicas culturais distintas e também um fato histórico.

A prática do lazer, definida por Bertrand Russell como "períodos de atividade sem outro propósito além do gozo imediato" (2002, p. 41), não faz parte da realidade de grande parte da população brasileira, cuja vida laboral resume-se à busca de subsistência dentro de parâmetros determinados pela lógica do consumo, adequando o lazer e sua prática às limitações impostas por tais condições. A lógica do capital, com base na produção industrial e no estímulo ao consumo investe fortemente na ideologia da glorificação do trabalho e assim, como atesta Russell, a antiga propensão para a despreocupação e o divertimento foi de certo modo inibida pelo culto da eficiência (2002, p.32).

O lazer, como instância distinta e específica da vida social, só é percebido com o advento da Revolução Industrial e a separação dos espaços familiares, comunitários e profissionais, ou seja, existe no objeto Lazer um aspecto histórico de “não-trabalho”. Porém, assim como outras reflexões contemporâneas marcada pela crise de paradigmas, a definição de lazer também se encontra ameaçada. Principalmente se pensarmos que uma das questões teóricas mais urgentes é a concepção de trabalho ante as transformações tecnológicas, políticas e econômicas. Como fica o Lazer, que é parte significativa do “não-trabalho”, diante do definhamento da categoria trabalho? (GUTIERREZ, p. 2)

¹-João Moreira Salles, In entrevista filmada “Visões do Documentário” disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=f08U8qocBuc>

Segundo Hannah Arendt, o homem moderno totalmente imbuído da ética que possibilitou o sucesso do modelo capitalista de produção e gozando das facilidades proporcionadas por ferramentas cada vez mais aperfeiçoadas, confunde a luta por sobrevivência com a falsa ideia de liberdade e felicidade. Ele se satisfaz em consumir e relega para um plano de menor importância as outras atividades e capacidades humanas que podem tornar a existência mais significativa, a vida mais digna de ser vivida.

São assim características que definem uma atividade de lazer²:

- liberdade de escolha: a atividade de lazer é resultado de uma opção livre do indivíduo. Considerando liberdade, para evitar polêmicas intermináveis, no mesmo sentido em que a consciência individual do sujeito social pode ser considerada livre. Isto significa dizer que, embora fruto de uma livre opção desde a perspectiva individual, a atividade de lazer possui uma forte determinação ambiental e histórica.
- Uma atividade desinteressada: o lazer distingue-se por ser uma atividade não lucrativa, que não visa a uma utilidade prática imediata;
- Hedonista: busca do prazer ou de alguma forma pessoal de satisfação dos sentidos;
- Pessoal: a atividade de lazer é essencialmente uma opção íntima, individual, regida pela liberdade. Constituindo-se um espaço da vida em que a personalidade de cada um manifesta-se com maior autonomia do que em qualquer outro espaço da vida em sociedade.

Assim sendo, o Lazer constitui uma dimensão profundamente significativa da existência humana e ilustrativa do social. Não pressupondo necessariamente a consumação do prazer. Seu compromisso é com a busca do prazer, com a luta por uma sensação de prazer que pode, ou não, vir a ocorrer.

O indivíduo por sua vez, atua no interior de uma cultura que o precede e com a qual mantém uma relação de mútua interferência. Nesse sentido, a percepção de que o tempo disponível para o lazer é decorrente da dinâmica que produz e reproduz as condições materiais de sobrevivência, assim como dos critérios de legitimação interna da distribuição desigual de oportunidades de vida, vem confirmar a relação de interdependência entre o homem e o seu meio.

Nas sociedades industriais contemporâneas, a autonomia individual, no que diz respeito às possibilidades de acesso às diferentes opções de lazer, é determinada pela maior mobilidade relativa entre as classes sociais que caracteriza a modernidade.

Por fim, o tema contribui para ampliar as discussões públicas acerca da representação do lazer para amplas parcelas da população, que enfrentam graves dificuldades estruturais em momentos de grande demanda de serviços, no caso, relacionados às práticas do lazer.

² – categorias de uso comum nos estudos sobre Lazer; a origem está em Dumazedier (1979).

Referencial teórico

A decisão de retratar uma realidade de forma conceitual e acadêmica, sem no entanto perder o viés artístico, fez com que uma busca por parâmetros se fizesse necessária. Foi feito, então, um trabalho de aproximação com a linguagem documental e seus alicerces teóricos.

Nesta aproximação com o documentário e diante do paradigma mais emblemático entre ficção e não-ficção, foi possível identificar que existia uma ampla tradição investigativa a respeito do gênero da não-ficção. Isto foi positivo no sentido de desmitificar a ideia, bastante difundida no meio cinematográfico, de que o documentarista é um cineasta frustrado. Mais animada, através da indicação do professor orientador José Francisco Serafim, mantive contato com a obra do pesquisador Bill Nichols, nome bastante referenciado no meio acadêmico, tendo como temas principais da sua pesquisa o documentário e o filme etnográfico. Recorrendo a sua obra *Introdução ao documentário*, pude tomar pé das bases conceituais e teóricas fundadoras em que se pautam os estudos e reflexões acerca do documentário, além de contextualizar como se deu a formalização do gênero e seus principais precursores na prática, como Robert Flaherty e o Jean Rouch. Além de Nichols, outros dois autores auxiliaram o trabalho de pesquisa: Silvio Da-Rim, autor de *Espelho Partido* e Fernão Ramos, autor de *Mas a final... O que é mesmo documentário?*

Na busca por definições mais claras sobre as linhas tênues que delimitam ficção e não-ficção, percebe-se uma polêmica. Nichols enfatiza a instabilidade da definição e abre o leque para o gênero:

Mais do que proclamar uma definição que estabeleça de uma vez por todas o que é e o que não é documentário, precisamos examinar os modelos e protótipos, os casos exemplares e as inovações, como sinais nessa imensa arena em que atua e evolui o documentário. A imprecisão da definição resulta, em parte, do fato de que definições mudam com o tempo e, em parte, do fato de que, em nenhum momento, uma definição abarca todos filmes que poderíamos considerar documentários. (2008, p. 48)

Diante deste terreno movediço, nos lançaremos à tarefa de buscar elucidar alguns pré-requisitos conceituais básicos que irão nos conduzir dentro de um conjunto de valores que compõem uma narrativa de não-ficção e que foram de suma importância para a etapa final de realização deste produto. Como nossa preocupação maior passou a ser a forma de representação dos personagens sociais que participam da história e o caráter autoral no documentário recorreremos também aos estudos de Manuela Penafria em *O ponto de vista no filme documentário* (2001) por serem bastante didáticos e de esclarecedores.

Realismo e ética no documentário

Manuela Penafria em seu texto *Perspectivas de desenvolvimento para o Documentarismo* (1999), discute que as primeiras experiências com imagens em movimento tinham por objetivo mostrar os acontecimentos da vida cotidiana das pessoas e dos animais. Nos primórdios da história do cinema, o registro *in loco* é que constitui a raiz e a base do documentário. Em 1920, porém, é que foram criadas as condições necessárias para a definição do gênero documentário. Os cineastas que abriram caminho para este novo gênero que surgiu foram Robert Flaherty (1884-1951) e Dziga Vertov (1895-1954).

Estes dois cineastas abriram caminho para o documentário definindo-lhes um posicionamento. Antes de mais, confirmaram que é absolutamente essencial que as imagens do filme digam respeito ao que tem existência fora do filme, ou seja, o cineasta deve sair do estúdio e registrar *in loco* a vida das pessoas e os acontecimentos do mundo (PENAFRIA,1999 p.2).

Por volta de 1930, com o movimento documentarista britânico, encontramos não só seu reconhecimento enquanto gênero autônomo, como também uma efetiva produção de filmes designados como documentário. Penafria (1999) afirma que o documentário, na época, trabalhava seus temas de forma criativa e revelava algo sobre fenômenos - no caso, os problemas sociais e econômicos vividos na Grã Bretanha nos anos 30. Isso acontecia porque se acreditava que os documentários deviam ter uma função social e pedagógica, sendo, sobretudo, um instrumento de educação pública. John Grierson, citado por Penafria, argumenta que nos documentários da década de 30 o documentarista tem um papel de autor criativo: “estando o documentarista afastado da mera reprodução dos acontecimentos, o autor do filme intervém de um modo criativo na concretização do filme, assume-se como artista” (PENAFRIA,1999).

Ocorreu uma revolução tecnológica nos anos 50 e 60, principalmente em termos de evolução das câmeras, o que permitiu a maior e mais diversificada produção, pois, as câmeras ficaram menores e de mais fácil manuseio. Esse fato acabou sendo um marco histórico: “a diversidade resultante desse equipamento tem como único motor a criatividade do documentarista”.

Atualmente, presenciamos a chegada de uma nova era tecnológica, em que o suporte analógico foi praticamente abolido para dar lugar ao suporte digital. Com as câmeras de fácil manuseio, o documentarista tem maior mobilidade na busca de imagens. Num documentário digital, é papel do documentarista definir o modelo de interface, os caminhos que devem ser trilhados dentro de uma ética, o tipo de conteúdo a ser abordado e o melhor modo de veicular este conteúdo. “O documentário em suporte digital mantém aquilo que de mais importante possui o documentário: é uma porta aberta para um conhecimento aprofundado sobre o nosso mundo e sobre nós próprios” (PENAFRIA,1999).

Já em outro texto - sua tese *Em Busca do Perfeito Realismo* - Penafria (2005) argumenta que existem duas problemáticas inerentes ao filme documentário: Realismo e Ética. Neste ponto faremos algumas referências ao realismo no documentário tendo em vista a importância ética que ganha lugar de destaque no gênero. Penafria explica que, em grande parte, as teorias realistas deixam de lado o filme documentário:

“Esta é uma dimensão que se coloca logo no momento em que se pretende fazer um filme uma vez que está em causa, na grande maioria dos casos, a representação do Outro” (PENAFRIA, 2005 p.2).

Penafria destaca no documentário a questão da ética para perceber de que modo ela dialoga com a questão do realismo. Documentário e ficção são cinema e por isso consideramos que ambos têm a mesma natureza – entre eles existe uma diferença apenas de grau de realidade. Por isso não podemos considerar o filme documentário como o legítimo representante da realidade. Ao falar em realismo, sempre nos referimos ao documentário cinematográfico, porém a questão é mais delicada. Existem outras formas de recortar o real como o documentário televisivo, a reportagem, a fotografia ou o *reality show*. Na verdade, toda forma de linguagem, que é inerente a natureza humana, representa um recorte da realidade. Neste sentido, todo filme poderia ser considerado documental, na medida em que “remete para pontos de vista, para modos de pensar, para modos de ver o mundo. Documentário e ficção são dois modos de documentar, de comentar o mundo” (PENAFRIA, 2005 p.4). Sendo assim, a realidade a que um filme nos dá acesso é menos a realidade em si e mais o relacionamento que o autor do filme tem com os elementos que participam do filme.

Penafria (2005) argumenta que o realizador cinematográfico que apenas tenha em conta as suas próprias motivações como sonho, preocupações e obsessões, afasta-se da tendência realista e natural do cinema. Ao invés de ser apenas realista ou formalista, o realizador deve encontrar um justo equilíbrio entre tal concepção e um modo mais criativo. Esse equilíbrio somente se alcança quando a segunda tendência não se sobrepõe à primeira, o mesmo vale dizer quando se segue a tendência realista. A autora argumenta que o Realismo é uma questão dependente da disciplina da Ética, pois, tudo que recorta o real deve ser construído utilizando a ética, cujo objetivo é tematizar as normas morais das imagens cinematográficas. Isso significa que cada diretor que irá retratar o real pautar-se eticamente na escolha das suas imagens, pois o que ele está retratando é a realidade em que vivemos, ou seja, ele não pode chocar o público de forma fantasiosa. Ao seguir o pensamento de Bazin e Kracauer, citados por Penafria (2005), entendemos que o projeto de realismo que o filme documentário encerra pode ser formulado do seguinte modo: a principal questão que se coloca em relação ao documentário não é a realidade da representação, mas a ética da representação. Isto remete, em grande parte, à questão dos diferentes pontos de vista que um documentário pode assumir. E como este item foi o que mais interferiu nas escolhas que configurariam um modo de representação da realidade que foi retratada no vídeo documentário "Bom Despacho", vamos ater-nos um pouco mais no item seguinte, que trata dos pontos de vista no documentário.

Documentário é ponto de vista

Os documentários podem assumir diversos pontos de vista, ou, nas palavras do estudioso Bill Nichols no texto a *Voz no Filme Documentário*, *diversas vozes*. Para o autor, quatro estilos de discurso são usados pelos documentaristas:

- o *discurso direto*, de tradição griersoniana, que foi a primeira forma acabada de documentário. Utilizava uma narração fora-de-campo, supostamente autorizada, mas quase sempre arrogante. Nichols coloca que, em muitos casos, essa narração chegava a dominar os elementos visuais, embora pudesse ser poética e evocativa. Após a Segunda Guerra Mundial, o estilo griersoniano caiu em desuso.

- o *cinema direto*, sucessor da tradição griersoniana, que prometia um aumento no “efeito verdade” graças à objetividade, ao imediatismo e à impressão de capturar fielmente acontecimentos ocorridos na vida cotidiana de determinadas pessoas.

Os filmes contavam com as novas possibilidades técnicas proporcionadas por câmeras portáteis e gravadoras de som embutido. O estilo *cinema direto* visa a tornar-se transparente, captando pessoas em ação e deixando que o espectador tire conclusões sobre elas sem ajuda de nenhum comentário, implícito ou explícito. Para Nichols, os filmes do estilo *cinema direto* raramente ofereciam o senso de história, contexto ou perspectiva que o espectador busca encontrar.

- no *estilo direto*, surgido nos anos 70, personagens e narrador falam diretamente ao espectador, geralmente em forma de entrevistas, onde os participantes se colocavam diante da câmera para dar seus testemunhos, muitas vezes reveladores, às vezes fragmentados e incompletos. Esses tipos de filme fornecem o modelo para o documentário contemporâneo. Nichols afirma que os filmes de entrevistas como estratégia e forma têm os seus problemas, como o de ganhar um tom muito didático professoral.

- a quarta fase é a do documentário *auto-reflexivo*. Segundo Nichols, é aquela em que os filmes assumem formas mais complexas, e tornam mais visíveis os pressupostos estéticos e epistemológicos. Esse novo documentário mistura passagens observacionais com entrevistas, a voz sobreposta do diretor com intertítulos, deixando aparente o que esteve implícito o tempo todo: o documentário sempre foi uma forma de representação, e nunca uma janela aberta para a “realidade”. Nichols discute que o cineasta sempre foi testemunha participante e ativo fabricante de significados, sempre foi muito mais um produtor de discurso do que um repórter neutro ou onisciente da verdadeira realidade das coisas.

Não pretendo afirmar que o documentário auto-reflexivo representa um ápice ou uma solução. Entretanto, é um ponto culminante na evolução de alternativas que, no presente contexto histórico, parecem menos problemáticas do que as estratégias do comentário fora-de-campo, do cinema direto, ou da entrevista. Como suas antecessoras, essas novas formas podem parecer mais “naturais” ou até mesmo mais “realistas” por algum tempo, mas o sucesso de cada nova forma engendra sua própria decadência: ela imita, omite, nega, reprime (assim como representa). Com o tempo, novas necessidades geram novas invenções formais (NICHOLS, 1983 p.49).

Bill Nichols (1983) explica que o que ele chama de “voz” do documentário é algo distinto do “estilo”. É aquilo que, no texto, nos transmite o ponto de vista social – do qual trataremos mais a frente – isto é, a maneira como ele nos fala ou como organiza o material que nos apresenta. A “voz” não se restringe a um código ou característica, como o diálogo ou comentário narrado. De acordo com Nichols, é algo semelhante àquele padrão intangível, formado pela interação de todos os códigos de um filme, e se aplica a todos os tipos de documentário. Segundo o autor, muitos cineastas contemporâneos perderam a voz, pois, politicamente, renunciam à própria voz em favor da de outros, em geral das dos personagens e entrevistados dos filmes.

O autor comenta que para o diretor produzir documentários é indispensável saber o que está fazendo, sendo assim o diretor irá produzir documentários correspondendo a uma visão mais cotidiana de nossa posição no mundo, de modo a emergir estratégias políticas e formais efetivas para descrever e desafiar essa posição. Bill Nichols lembra ainda que o documentário traz em si uma tensão que nasce das afirmações relativas que faz sobre a vida, ao mesmo tempo que usa sons e imagens que levam a marca inevitável da singularidade de suas origens históricas e esses sons e imagens acabam funcionando como signos, ou seja, carregam significados, embora, de fato, esse significado não seja inerente a eles, mas, ao contrário, lhes tenha sido conferido por sua função dentro do texto como um todo.

“Podemos imaginar que a história ou a realidade fale a nós através de um filme, mas o que realmente ouvimos é a voz do texto, mesmo quando essa voz tenta se apagar” (NICHOLS, 1983 p.52).

O documentário observacional que faz parte do segundo estilo parece deixar a decisão por conta do espectador, não se diz nada sobre as imagens ou sobre o que elas significam, sacrificando a expressão artística convencional, com a finalidade de trazer de volta em sua feitura, da melhor forma possível, a verdadeira textura da história. Para o autor, os documentários do terceiro estilo, que são os filmes construídos essencialmente através das entrevistas, conseguiram evitar alguns problemas de narração com voz fora-de-campo. Não existe mais a pretensão duvidosa de que as coisas são como o filme as apresenta, com um narrador que sabe de tudo fazendo a narração e os comentários. As entrevistas tornam a autoridade pulverizada, permanece um hiato entre a voz do ator social recrutado para o filme e a voz do filme.

Já os documentários auto-reflexivos tentam resolver as implicações contidas na promoção de que a subjetividade e o posicionamento social e textual do ego não são problemáticos. Os documentários auto-reflexivos misturam personagens e também mostram o próprio documentarista dando sua opinião, ou fazendo perguntas aos entrevistados. Esse estilo de documentário tem ganhado força nas épocas atuais em vistas dos outros estilos.

Nos documentários do quarto estilo, lembra Nichols, também são encontrados os intertítulos, que separam uma cena da outra, criando uma estrutura de mosaico que assume sua incompletude, mesmo quando facetas individuais parecem esgotar um determinado encontro. Os intertítulos funcionam como um outro indicador de uma voz textual além daquela dos personagens representados. Outro elemento que informa.

As estratégias auto-reflexivas, segundo o autor, parecem ter uma relação histórica particularmente complexa com o documentário, uma vez que são muito menos especiais a ele do que a estratégia da “voz-de-Deus“, o cinema direto e o filme de entrevistas.

Manuela Penafria (2001) em seu texto *O Ponto de Vista no Filme Documentário* também aborda os filmes documentários enfocando os diferentes pontos de vista por eles apresentados. Um documentário relaciona-se com uma estrutura dramática e narrativa que caracteriza o cinema narrativo. A estrutura dramática dos filmes é constituída por espaço da ação, personagens, tempo da ação e conflito. Já a estrutura narrativa implica em saber contar uma história, organizando a estrutura dramática em seqüências e cenas que se sucedem de modo lógico. A idéia transmitida pelos filmes através da estrutura dramática e narrativa constitui a visão do realizador sobre um determinado assunto. “É através do uso da câmera de filmar e da montagem que o documentarista define qual o ponto de vista a transmitir e, conseqüentemente, qual o nível de envolvimento do espectador.” (PENAFRIA, 2001 p. 2).

Desta forma, em um filme narrativo podem ser adotados um ou mais pontos de vista, sendo eles:

1. *Ponto de vista na primeira pessoa* – os espectadores vêem os acontecimentos através dos olhos de uma personagem;
2. *Ponto de vista na terceira pessoa* – trata-se da ação vista por um observador ideal;
3. *Ponto de vista onisciente* – para que um filme apresente esse ponto de vista é necessário que sejam dadas indicações ao espectador sobre o que as personagens pensam.

Existe também o ponto de vista ambíguo, que consiste na alternância de um ponto de vista na terceira pessoa e um ponto de vista na primeira pessoa (plano subjetivo). Não é necessário um filme usar um único ponto de vista determinado, o essencial é definir qual o ponto de vista predominante no filme.

O grau de envolvimento e identificação do espectador depende do modo como o ponto de vista selecionado é articulado com a linguagem cinematográfica, e esse grau de envolvimento pode ser obtido de duas formas, que seria através de uma manipulação gráfica e através de um controle narrativo. O som e a imagem são elementos importantes que também podem ser trabalhados para

criar e reforçar determinado ponto de vista. O controle gráfico e o controle narrativo podem estabelecer uma correspondência junto com as fases de produção de um documentário, que seriam a pré-produção (pesquisa e desenvolvimento), produção (filmagem) e pós-produção (montagem).

O controle gráfico se faz presente nas duas primeiras fases e o controle narrativo na última. A pré-produção é uma fase de preparação das filmagens, é uma pesquisa e desenvolvimento que o documentarista faz sobre o tema e o assunto a tratar no filme. Nos documentários, os diálogos não podem ser previamente escritos, porque não são previsíveis, ou seja, não podem ser escritos com antecedência, o que o documentarista encontra em cena vira seu guia para as filmagens. Sendo assim o documentário é construído no decorrer de seu processo de produção.

Depois das filmagens começa a pós-produção, onde o documentarista escolhe quais planos e pontos de vista irá usar no filme. Segundo Penafria, é necessário articular o controle gráfico com o controle narrativo. Na montagem do filme o registro de imagens e sons do mundo não reflete, no valor e interesse do documentário e não determina a definição do ponto de vista para um filme, é necessário também a participação dos intervenientes.

O documentarista organiza diversos elementos: entrevistas, som ambiente, legenda, música, imagens filmadas *in loco*, imagens de arquivo, reconstruções, etc. A sucessão de imagens implica uma interpretação por parte do documentarista mediante a escolha de técnicas de montagem. Mesmo quando a interpretação do documentarista se esconde por detrás de convenções (como o plano-sequência) o que se torna patente é que essa sua escolha resulta da convicção de que a mesma merece aceitação de todos (PENAFRIA, 2001 p.5).

Penafria argumenta que quando seleciona e combina imagens e sons registrados *in loco* é que o documentarista se expressa. A relação conteúdo e forma deve ser um todo com coerência. O espectador interpreta o filme através do olhar do documentarista e percebe que a realidade pode ser vista de forma diferente. De todo modo, o documentário é uma produção pessoal e implica uma necessidade da parte do ditador/autor em expressar algo, em dizer algo sobre determinado assunto. Resumindo, o ponto de vista mostra que o documentarista sente necessidade de expressar algo pessoal.

Podendo partir de algumas idéias pré-concebidas, deve entender-se o documentário como um filme que resulta de um processo que envolve tanto a perspectiva do documentarista, como o confronto dessa sua perspectiva com a das pessoas diretamente envolvidas no filme (PENAFRIA, 2001 p.8).

Penafria finaliza dizendo que o documentarista tem que ser livre para fazer suas escolhas fílmicas de modo que ele possa transmitir seu ponto de vista sobre determinada realidade. Experimentar pulsar a vida das pessoas e os acontecimentos do mundo na tela de um cinema ou

televisão é o que o documentário tem de mais gratificante para nos oferecer. Sendo um modo de incentivar um conhecimento sobre nossa própria existência.

Etapas de produção do documentário: metodologia

O Vídeo começou a ser planejado em outubro de 2009. Neste período foi feito um levantamento de informações sobre o tipo de concessão pública que regulava o serviço prestado pela operadora do *ferry boat*, a empresa privada TWB. Foi feito também um levantamento de reportagens de telejornais de anos anteriores, que retratavam diversos problemas no serviços prestados, e ainda um clipping com todas as matérias jornalísticas envolvendo o sistema de *ferry-boat*, que foram veiculadas na mídia impressa, inclusive no Jornal A TARDE (ver Anexos).

roteiro inicial:

Uma vez concluído o trabalho de pesquisa temática, iniciei o esboço do pré-roteiro. Neste esboço, selecionei os tópicos mais importantes que deveriam compor a abordagem do documentário. Foi também durante a concepção deste esboço que as tomadas de decisão começaram a fazer-se necessárias para que o documentário começasse a ter uma “identidade” própria. Nesse momento surgiram as primeiras questões de caráter ético e também estético, já que a expectativa de grande demanda e intenso movimento no terminal marítimo nos propunha um provável cenário de opressão, desordem e injustiça, mas outras “realidades” fizeram-se possíveis durante as reflexões, exigindo uma postura atenta e a reavaliação de valores morais que podem interferir na forma de pensar as questões sociais e históricas, e, por conseguinte, no discurso a ser construído através do projeto do documentário. E, mais ainda, qual seria o tratamento adequado e correto para representar as pessoas que se mostrariam dispostas a participar do documentário.

procedimentos:

A primeira etapa do trabalho consistiu na escolha do recorte do meu olhar, enquanto realizadora. Primeiramente, considerei que o enfoque deveria ser político e social por entender que o evento a ser registrado participava de uma conjuntura em que os fatores políticos e sociais são determinantes e, sendo assim, que as pessoas encontradas deveriam ser interpeladas a partir do grau de responsabilidade e consciência que elas teriam daquela situação, por fazerem parte daquela realidade. Mas este enfoque logo sofreu reformulações, que se acentuaram a partir do momento em que a realidade que me foi apresentada no local das filmagens foi muito diferente daquela de minhas previsões. Ao invés de inconformismo, encontrei no local, principalmente, manifestações de tolerância e bom-humor, não obstante, evidentemente, a presença de algumas falas queixosas e conscientes. A realidade que antes era de apreensão por parte da equipe, ganhou outros ares depois do contato com a *esperada* realidade. Essa mudança de ares foi responsável por muitas adequações e reformulações do próprio entendimento daquela circunstância e de como representar “o outro” diante de tal mudança de perspectiva. Era preciso montar uma nova equação. Não apenas na forma de representação daquela realidade mas, principalmente, na leitura que eu fazia acerca daquele evento e daquelas pessoas. Inicialmente fiz um julgamento ingênuo e um tanto romântico de que as pessoas que se encontravam ali eram vítimas de um sistema que não lhes representava, e assim sofriam com o pouco caso dos órgãos competentes. Esse julgamento sofreu significativas transformações, uma vez que inciei as filmagens com uma postura aberta ao novo.

Com a vivência da gravação e das muitas discussões que tive com amigos, colaboradores e familiares - quando explicava o que eu estava realizando e o meu entendimento do contexto em pauta – surgiram questionamentos que, muitas vezes, ensejaram reformulações nas minhas abordagens. A principal delas, que interferiu em toda a concepção do trabalho, foi, como mencionei, referente ao entendimento que as pessoas que estavam presentes no local e que compuseram o documentário tinham diante daquelas circunstâncias. Assim, elas saem do lugar de vítimas e passam a ser vistas como agentes e, em alguma medida, cúmplices daquela situação. Posso ilustrar esse sentimento de descoberta de uma outra realidade com uma situação vivenciada lá no terminal de Bom Despacho, no dia da gravação. Eu estava bastante tensa, em função dos riscos intrínsecos às situações de grandes aglomerações em circunstâncias como aquela: longas esperas em filas, calor, cansaço etc. Isso alimentou a expectativa de que as pessoas que eu iria encontrar estariam tão chateadas quanto eu estaria, caso estivesse vivenciando a mesma situação. Mas, mesmo em meio a manifestações de um descontentamento formal e tolerante, encontrei muitas pessoas que transformavam a espera numa festa, faziam uma batucada, tomavam cerveja e buscavam se divertir

da forma que fosse possível. E é aí que deve ser posto em prática o exercício da alteridade: usar o imprevisto como um trunfo, e não tentar negá-lo ou disfarçá-lo. Isso provocou uma mudança drástica de perspectiva. Não poderia tratar ou representar aquelas pessoas como vítimas, visto que elas não se viam assim e eram protagonistas dentro do processo.

abordagem e personagens

A locação foi o terminal marítimo de Bom Despacho, localizado na Ilha de Itaparica, incluindo suas dependências internas e externas. Como era um evento circunstancial, não existiu pesquisa prévia de personagens. As pessoas entrevistadas foram escolhidas no momento, de acordo com o seu interesse em participar do vídeo – buscamos apenas manter um equilíbrio entre homens, mulheres e faixa etária.

A abordagem dos entrevistados foi direta. Antes das gravações, eu os abordava e explicava sucintamente o trabalho que estava sendo feito. Perguntava, então, se concordavam em conversar com a nossa equipe de filmagem. Tendo o aceite por parte do entrevistado, a equipe se posicionava e o bate papo tinha início. Estipulei um roteiro para a entrevista que consistia em seis perguntas: 1 – Você considera estar aqui uma atividade de lazer? 2 – você consegue ver alguma relação do seu voto com a situação que você está vivendo aqui hoje? 3 – A tarifa do *ferry* foi elevada em 10% na última semana. O que você acha disso? 4 – você acha que pode fazer algo que contribua para uma melhora? 5 – Foi divulgado nos jornais recentemente, que os diretores da AGERBA (órgão responsável por fiscalizar o sistema de transporte), foram presos por acusação de suborno, o que você acha disso? 6 – O que significa o lazer para você? Estar aqui hoje faz parte do seu lazer? Procurou-se revelar assim, através dos depoimentos e das imagens que se apresentavam para a câmera, o entendimento acerca do lazer por parte daqueles que estavam vivenciando aquele momento que, embora não pudesse ser tomado como lazer propriamente, fazia parte do contexto conjuntural do lazer daquelas pessoas.

estratégia de gravação

A gravação aconteceu num domingo, dia 03/01/2010, durante o retorno de pessoas para Salvador no último dia do feriado prolongado do ano novo de 2010. Utilizou-se para as gravações uma câmera digital alugada DVcam e um cinegrafista profissional contratado, além de uma câmera de vídeo alternativa Sony HI8. O esquema de gravação foi discutido previamente entre a equipe. Os tipos de imagens que seriam feitas, planos que seriam utilizados, melhores ângulos, *inserts*, etc. O cinegrafista atuou, assim, sob a minha direção.

Segundo a programação estipulada, a equipe deveria estar em Bom Despacho às sete horas da manhã. Com a chegada do câmera contratado fiz uma rápida exposição do conceito do vídeo documentário que se pretendia realizar e sobre as propostas – éticas e estéticas – que seriam adotadas para atingir o objetivo final. Com tais pontos afinados, nossa primeira missão seria realizar as sonoras na fila de pedestre e planos gerais do terminal e da aglomeração. Nos dirigimos ao pátio central aonde se deu início a formação da fila para o embarque de pedestres.

A primeira entrevista foi realizada com Tiago, estudante de administração. Esta primeira entrevista serviu de laboratório para que se pudesse entender a dinâmica da fila. Serviu também para definir algumas diretrizes técnicas, como o não uso de tripés durante a captação das sonoras, pois eu buscava espontaneidade e agilidade com a câmera na mão. Depois que terminamos esta primeira entrevista, percebemos que poderíamos otimizar a busca de novos entrevistados, até porque percebemos que, quando chegávamos em grupo, intimidávamos o entrevistado muito mais do que quando eu me antecipava à equipe, conversava com o possível entrevistado e me certificava de que ele estaria disposto a participar do documentário, assim deixava combinado que iríamos localizá-lo dentro de alguns instantes. Encontramos a fórmula. Seguindo essa metodologia deixamos as pessoas preparadas e depois só era localizá-las na fila e realizar a entrevista. Isso deu agilidade ao processo e foi determinante para que tivéssemos o aproveitamento que tivemos ao longo de um dia.

A segunda entrevista, com Cristina, foi marcada por uma intuição de que se a entrevista fosse conduzida com a entrevistada em movimento na fila, teríamos uma imagem em movimento que retrataria bem a dinâmica da fila, e isso funcionou já que Cristina foi a entrevistada que teve mais tempo de fala, pela facilidade que tinha de se expressar e pela capacidade de síntese do seu discurso que possibilitou tratar a questão do lazer perpassando questões éticas, morais, políticas e sociais com precisão e linguagem acessível.

Na sequência das gravações, nos deparamos com a realidade de vida das pessoas que ali estavam. Cenas como a de uma família inteira, parte sentada, parte deitada, no meio do pátio do

terminal junto ao lixo que estava jogado no chão, denotam as condições de vida daquelas pessoas e também o tratamento que é dispensado à elas, não apenas por outrem mas, principalmente, por elas próprias. Não obstante, demonstram a naturalidade com que são vividas situações como aquelas, como parte de uma realidade do cotidiano. Diante disso, buscamos captar com isenção a realidade daqueles que utilizam aquele meio de transporte e como estes se posicionam diante desta realidade.

Tinha em mente que era necessário um *take* sem cortes da fila de pedestres, para dar a dimensão do tamanho e um *take* sem cortes da fila de carros pelas mesmas razões. Determinei que deveríamos fazer várias imagens dos pés em movimento na fila e tentar registrar o máximo de situações imprevistas que ocorressem. Quando passei com a equipe para a ala dos automóveis tive a idéia de realizar um *take* dentro do túnel que dá acesso à embarcação, registrando todas as etapas que antecederiam o embarque, fazendo uma relação da estrutura do local com o conceito usado por Foucault acerca das estruturas sociais de controle, captando desde a abertura das grades que separavam os setores de embarque, até a liberação dos usuários para percorrerem o túnel até o *ferry-boat*. A empresa TWB, através da assessora de imprensa Mariana, autorizou o acesso a todas as dependências do terminal, segundo nossas solicitações.

Edição e finalização

A experiência prática do processo de montagem e finalização do material filmado foi o segundo momento em que tudo que tinha sido planejado foi colocado em xeque. Diante da nova perspectiva adotada, fruto do amadurecimento do olhar durante a filmagem, era o momento de dar uma ordem e um sentido que conseguisse expressar e representar com fidelidade aquela realidade. Em função de uma reflexão íntima e, também, de base teórica, foram-se redesenhando novas possibilidades de representação centradas na ética documental. Busquei assim, tentar representar da forma mais fiel possível a realidade como ela tinha se apresentado a mim, evitando os excessos, bem como as imagens muito dramáticas ou que carregavam na tinta do sentimentalismo e do sensacionalismo.

A opção por cortes secos foi uma escolha que reforça a concepção estética crua do documentário e preserva a transparência, defendendo o vídeo como artefato, uma obra que foi produzida artificialmente. Nesse sentido também ficou definido que não se faria tratamento nas imagens ou uso de filtros para correção de cenas que tinham a luz estourada ao fundo revelando e assumindo as condições de filmagem. Com relação aos *takes* maiores das filas e do túnel, eles se justificam na medida em que possibilitam dimensionar a extensão da fila, a quantidade de pessoas e tem a capacidade de provocar no espectador, buscando transportá-lo, através da provocação sutil, à sensação vivida por parte daqueles que enfrentaram a fila de verdade. Além do que, foi uma oportunidade excelente de se poder mostrar de forma mais detida, o perfil, ou diversificados perfis visuais, das pessoas que estão na fila.

Considerações finais

A produção de um trabalho de conclusão de curso começa na busca para a definição de um tema que considere aspectos como relevância, interesse e identificação para quem o vai realizar, por isso, considerando tais aspectos aliados à riqueza da linguagem audiovisual, optei pela realização de um produto, no caso, um vídeo documental. Como um dos objetivos do trabalho em pauta é ampliar as discussões públicas acerca da representação do lazer para a maioria da população, um vídeo se mostra mais eficaz e abrangente do que outros formatos de mídia.

A realização do vídeo documentário “Bom Despacho” foi um grande desafio. O exercício de produção do vídeo, que proporcionou um diversificado aprendizado técnico, contribuiu também para a descoberta de novas formas de compreensão e interação com a realidade.

Diversas dificuldades foram encontradas no caminho. Porém, todas elas foram ultrapassadas e tornaram-se muito significativas para o meu crescimento pessoal e profissional. Portanto, esse vídeo documentário foi uma grande conquista. O objetivo foi alcançado graças também ao apoio significativo de colaboradores.

No aprofundamento do tema proposto e no ato da filmagem foi possível perceber como o entendimento do que é o lazer é variável e subjetivo e, principalmente, como o processo de representação das pessoas (personagens sociais) construído através da narrativa, implica num comprometimento ético não só documental, mas, principalmente, humano.

A pesquisa e a reflexão acerca da abordagem do assunto me revelou muito mais do que eu imaginava encontrar no início deste trabalho e, também, mais do que eu esperava descobrir sobre minhas próprias impressões a respeito da sociedade em que vivemos. Aquilo que se poderia chamar de condições limitadas ou inadequadas para as práticas do lazer, revelou um conjunto de circunstâncias sociais entendidas como normais aonde as pessoas demonstraram seus próprios entendimentos acerca da representatividade do lazer em suas vidas, considerando as circunstâncias específicas daquela situação e as condições estruturais necessárias para a efetivação das práticas do lazer.

Por fim, com a conclusão do vídeo, que é a primeira etapa de um processo que pretendo continuar, passo para a viabilização e execução das outras, a saber: difundir o vídeo através de eventos para exibição e discussão com a participação de setores da sociedade; e continuar as pesquisas e desenvolvimento de projetos sobre a importância do documentário como canal de expressão mobilizador. Sinto, portanto, que, com este trabalho, contribuo para a reflexão e discussão acerca de temas de amplo interesse social e cultural.

Referências

NICHOLS, Bill – **Introdução ao documentário**; tradução Mônica Saddy Martins. - São Paulo: Papirus 3ª ed, 2008

RAMOS, Fernão Pessoa – **Mas afinal... o que é mesmo documentário?**. São Paulo: Senac São Paulo, 2008

DA-RIN, Silvio - **Espelho Partido tradição e transformação do documentário**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2006

RUSSELL, Bertrand - **O Elogio ao ócio**; tradução Pedro Jorgensen Júnior. - Rio de Janeiro: Sextante, 2002

ARENDT, Hannah - **A Condição Humana**; tradução de Roberto Raposo. - Rio de Janeiro: Forence Universitária 10ª ed, 2009

BRAGANÇA, Felipe - Encontros, a arte da entrevista | Eduardo Coutinho / organização Felipe Bragança. - Rio de Janeiro: Beco do Azougue 2008.

NICHOLS, Bill. “A voz no filme documentário”. In: RAMOS, Fernão Pessoa. *Teorias contemporâneas do cinema*. São Paulo. Ed: Senac. 2005.

GUTIERREZ, Gustavo Luis. **Lazer e Prazer. Questões metodológicas e alternativas políticas**. São Paulo: Editora Autores Associados. 2001.

FOUCAULT, Michel. Trad VASSALO; Lígia M. Ponde. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Rio de Janeiro: Vozes, 1984.

PENAFRIA, Manuela. *O ponto de vista no filme documentário*. 2001. Disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/penafria-manuela-ponto-vista-doc.html> último acesso em 21/06/2010.

PENAFRIA, Manuela. *Em Busca do Perfeito Realismo*. 2005. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria-manuela-busca-perfeito-realismo.pdf> - último acesso em 21/06/2010.

ANEXO 1

DECUPAGEM – BRUTO HD (ARQUIVO fita por fita final cut)

IMAGENS FITA 1 - TOTAL 57'13"08

00'20" – BOM PLANO COM O LOIRO CORRENDO E PESSOAS CHEGANDO C/ MALAS, PANORÂMICA PARA O INÍCIO DO PÁTIO, PESSOAS NA FILA.

MOVIMENTAÇÃO DO PÁTIO PELA MANHÃ

01'02" - PLANO DISTANTE DA ORGANIZAÇÃO DA FILA, COM PANORÂMICA PARA A FILA COM A FILA A TRÁS E AS PESSOAS PASSANDO COM MALAS NUM PRIMEIRO PLANO

01'14"19 - PLANO DE UMA AGLOMERAÇÃO DESORGANIZADA

01'58"28 – MESMAS IMAGENS DE ANTES, SÓ QUE AGORA DE UM ÂNGULO MAIS ELEVADO

02'34"11 – **1ª SONORA** (ESTUDANTE DE PUBLICIDADE - TIAGO)

03'20" – FALA DO ELEITOR, PROMESSAS, COMODISMOS

05'00" – TRANSTORNO E ESTRUTURA PRECÁRIA

05'30" – LAZER DO BAIANO = 1 DIA DE LAZER 1 DIA DE EXTRESS

06'40" – DIFERENÇAS DE CLASSE E POSIÇÃO DOS POLÍTICOS

07'15" – PODER AQUISITIVO, OUTRAS POSSIBILIDADES E CONFORMISMO

08'09"24 – **2ª SONORA** (VIGILANTE – REINALDO)

08'35" – DEIXOU DE SE DIVERTIR PRA NÃO PEGAR SUFOCO

09'06" – CRITICA O SISTEMA E O PREÇO E FALA DE MELHORIAS

09'30" – SABIA DO SUBORNO E DIZ QUE É UMA VERGONHA

09'50" – CONSTRANGIMENTO

11'10" – DESISTE, TRABALHO

11'50" – CONFORMISMO COM A CORRUPÇÃO

12'49"19 – **3ª SONORA** (ASSALARIADO - EVERALDO)

13'17" – JÁ TEM DUAS HORAS QUE ESTÁ NA FILA

13'40" – ACOSTUMADO, JÁ FAZ PARTE

14'00" – O BRASIL É ASSIM MESMO

14'30" – NÃO SABIA DA NOTÍCIA DO SUBORNO. CONFORMISMO C A CORRUPÇÃO.

15'50" – PESSOAS QUE TRBALHAM NO DIA SEGUINTE SOFREM DESGASTE

16'55"29 – **4ª SONORA** (ASSESSORA PARLAMENTAR – CRISTINA)

17'20" – ACHAVA QUE IA PASSAR REVEILLON NO FERRY

17'35" – (PAUSA NA FALA – COÇA A CABEÇA) COTIDIANO DOS MORADORES, AUMENTO EXORBITANTE NO PERÍODO DE MAIOR ARRECADAÇÃO.

18'20" – ESTRUTURA PRECÁRIA EM RELAÇÃO AO AUMENTO DA TARIFA

18'50" – NÃO SABIA DO SUBORNO. CULTURA ACOSTUMADA À CORRUPÇÃO. IMPUNIDADE

- 19'12" – SERVIÇO PRIVATIZADO E PÉSSIMO
 19'50" – LÓGICA DA CORRUPÇÃO, IMPUNIDADE
 20'40" – CORTE DE FILA, CORRUPÇÃO
 21'20" – "REFAÇA A PERGUNTA"
 21'50" – REPRESENTANTE E REPRESENTADO. TRANSVERSALIDADE DO ESTADO . RELAÇÃO TWB X ESTADO. EMINÊNCIA DAS ELEIÇÕES . SABER SOBRE ATUAÇÃO DOS POLÍTICOS: VOTO COMO MOEDA DE TROCA. REFLEXÃO
 23'05" – ESTRUTURA DA ILHA ATENDE PESSOAS PAUPERIZADAS. ESTRUTURA DA ELITE FECHANDO OU SE TRANSFERINDO DA ILHA
 24'00" – VOTO COMO MOEDA (CONSCIENTIZAÇÃO). CONTEXTO DO BRASIL NA AMÉRICA LATINA E PROCESSO DE CONSOLIDAÇÃO DA DEMOCRACIA.
 24'45" – POUCAS PESSOAS VÊM RELAÇÃO ENTRE A FILA E A POLÍTICA. A ROTINA DE TRABALHO FAZ ESQUECER OS TRANSTORNOS DA FILA
 25'12" – EMPRESA PRIVADA LUCRA. ANO APÓS ANO NÃO MELHORA
 25'30" – CIDADANIA AMEAÇADA
 26'00" – PREVISÃO DE ESPERA. AS PESSOAS ACHAM POUCO
 26'35" – LAZER COMO FUGA DA OPRESSÃO DO TRABALHO. DEFINIÇÃO DE COMO DEVERIA SER O LAZER
 27'17" – ÓCIO. ÓCIO E VAGABUNDAGEM É A MESMA COISA? LÓGICA DOS ACEITOS. ESTAR À MARGEM
 28'00" – TRABALHO DO AGRICULTOR
 28'20" - RELAÇÃO ENTRE O LAZER E O ILUSÓRIO. ILUSÃO DE LIBERDADE E VOLTA AOS GRILHÕES. SAIR DO SISTEMA (VIGILÂNCIA E IDEOLOGIA). REFERENCIA PROSTITUTAS E DROGADOS
 29'10" – LAZER COMO OPÇÃO, NO CASO DOS MORADORES DA ILHA
 29'20" – FILA PREFERENCIAL
 29'44" – FALTA DE CULTURA PARA AQUELES QUE TEM NECESSIDADES ESPECIAIS. NÃO TEM ESTRUTURA, NÃO TEM COMUNICAÇÃO INTERNA
 30'00" – FERRY MAIS EQUIPADO É PROPAGANDEADO COMO DE TURISMO (SERVIÇO DIFERENCIADO PRA QUEM TEM MAIS GRANA)
 30'40" – PÚBLICO COMUM É O POVÃO
 30'55" – NÃO TEM FUNCIONÁRIOS APTOS PARA A FUNÇÃO. POLICIAIS ORGANIZAM A FILA
 31'00" – PRECARIIDADE DA ESTRUTURA. FALTA DE INFORMAÇÃO
 31'20" – SERVIÇO PARA A MASSA
 32'00" – CULTURA DA FILA INTERNALIZADA
 32'45" – SUGERE ATITUDE DE PROTESTO POR PARTE DOS USUÁRIOS
 33'00" – FILA COMO FORMA DE OPRESSÃO
 33'46"12 – **5ª SONORA** (ESTUDANTE DE PUBLICIDADE – LUDMILA)
 34'00" – SAIU O MAIS CEDO POSSÍVEL PARA ENFRENTAR A FILA
 34'38" – (SABER DO AUMENTO DA TARIFA GERA O RISO) AUMENTO DA TARIFA NÃO GERA MELHORIA DOS SERVIÇOS. DESRESPEITO E CONFORMISMO
 35'30" – (NOTÍCIA DO SUBORNO GERA RISO)

- 36'30" – SOMOS DIRETAMENTE RESPONSÁVEIS, FALTA DE INFORMAÇÃO E MARGINALIDADE
 37'16" – PREVISÃO DE ESPERA DE QUATRO HORAS
 37'55" – LAZER NÃO É SIMPLES. É PRECISO TER FORÇA DE VONTADE. TER DISPOSIÇÃO
 38'55" – CONSTRUÇÃO DA PONTE
 39'00" – NÃO PODE SE EXTRESSAR. TEM QUE SE PREPARAR PARA O SUFOCO
 40'00" – AGUARDAR PRA VER SE MELHORA

40'33"04 – **6ª SONORA** (NATANAEL DANTAS–CONSULTOR DE VENDAS)

- 41'20" – CURTINDO AS FÉRIAS COM A FAMÍLIA
 42'10" – JÁ ESTÁ A CINQUENTA MIN NA FILA. JÁ ESPERAVA. PRECARIIDADE DO SISTEMA. PESSOAS JÁ SABEM. CONFORMISMO
 42'40" – É UMA BARRA PASSAR POR ISSO MAS JÁ É PREVISTO
 43'00" – NÃO SABIA DO AUMENTO DA TARIFA
 44'00" – NÃO SOUBE DO SUBORNO MAS CONSIDERA QUE JÁ FAZ PARTE DO DIA-DIA DO BRASILEIRO ESSAS NOTÍCIAS. TWB É TERCEIRIZADA. CRITICA A AGERBA E O GOVERNO QUE PODERIA SELECIONAR MELHOR OS PRESTADORES DO SERVIÇO PÚBLICO. O FERRY BOAT É UM SERVIÇO PÚBLICO
 46'20" – PARCELA DE CULPA DOS ELEITORES. ADM PÚBLICA E O VOTO
 47'48" – DEFINIÇÃO DO LAZER COMO UM ESTADO DE ESPÍRITO
 48'08" – TODA SITUAÇÃO É TIDA COMO NORMAL, DIANTE DO LAZER QUE SE BUSCA. MESMO SABENDO DA PRECARIIDADE
 48'32" – EU NÃO ESTOU AQUI PARA FAZER CRÍTICA PQ EU JÁ SABIA. EU PREPAREI MINHA FAMÍLIA
 49'19" – VOCÊ PREPARA SEU ESPÍRITO PARA ENFRENTAR ESSE TIPO DE COISA
 51'48" – DEFINIÇÃO DE LAZER: ESTAR C A FAMÍLIA E ESTAR DE BEM COM A VIDA

52'43"28 – **7ª SONORA** (ADM DE EMPRESA – MURILO - paulista)

- 53'25" – O CAOS. A FILA DE PRIORIDADE É NO SOL
 53'55" – APESAR DO CANSAÇO DO SOL TODO MUNDO ESTÁ SEMPRE DE BOM HUMOR NAS FILAS
 54'48" – O PREÇO QUE SE PAGA PARA TER O LAZER
 53'33" – NA EUROPA É TUDO TÃO ORGANIZADO, FUNCIONA TUDO TÃO BEM..MAS AQUI É LINDO DEMAIS E O POVO DAQUI É MUITO MAIS ANIMADO
 55'58" – AS COISAS PARA AS MASSAS SÃO MUITO INFERIOR A UMA COISA PARA A ELITE
 56'23" – PRA QUEM PRECISA USAR ESTA ESTRUTURA DO GOVERNO TEM QUE PAGAR ESTE PREÇO
 56'45" – A SEIS ANOS QUE EU VEJO O MESMO CAOS AQUI
 56'50" – PERDE AS ESPERANÇAS DE QUE ALGUM DIA ISSO MELHORE

FITA 2

- 00:28'00" - PAN DO TUNEL PARA O TERMIAL. PESSOAS TENTANDO SE DISTRAIR.
MENINO BRINCANDO DE BOLA COM O PAI.
- 00:49'00" - CARREGA A BOLA E BRINCA SOZINHO
- 01:06;28 - PESSOAS SENTADA NOS BANCOS AO REDOR DA FILA. COM SOMBRINHA P
PROTEGER DO SOL
- 01:31;22 - PLANO COM A CÂMERA BAIXA PEGANDO PERNAS PASSANDO E MALAS AO
CHÃO COM O TERMINAL AO FUNDO. EM SEGUIDA A CÂMERA SEGUE
ANDANDO RÁPIDO PELA FILA
- 02:06;13 - MAIS UMA TOMADA DA FILA COM UM ÂNGULO INCLINADO. E DE CIMA
PRA BAIXO
- 02:50;23 - FILA DE GRATUIDADE E PRIORIDADE. CONFUSÃO E APERTO. AS PESSOAS
PASSANDO PELO PORTÃO QUE TEM A PLACA DE PRIORIDADE
- 03:02;09 - A MOÇA CHAMA PELO MARIDO E O APERTO E EMPURRA-EMPURRA COME
NO CENTRO. O FUNCIONÁRIO CHEGA PEDINDO CALMA PQ TEM
CRIANÇAS NA FILA
- 04:45;20 - PESSOAS GRITAM QUE ESTÃO INVADINDO A FILA
- 04:55;08 - UM SENHOR DE IDADE CONSEGUE TRANSPOR O PORTÃO. AO FUNDO UM
PAI CARREGA UM CARRINHO DE BEBE.
- 06:03;13 - SENHOR DE CABELOS BRANCOS NA FIA DE PRIORIDADE
- 06:21;05 - FILA DE PRIORIDADE ABRE O PORTÃO. O FUNCIONÁRIO PEDE PRA IREM
DEVAGAR GRITANDO
- 06:44;29 - FECHANDO O PORTÃO DE PRIORIDADE
- 07:55;17 - CONTRAPLANO DO SENHOR QUE FALA QUE TEM GENTE INVADINDO A
FILA
- 08:16;15 - O SENHOR BRADANDO COM O FUNCIONÁRIO QUE TEM GENTE SE
ENCONSTANDO PRA FURAR A FILA
- 08:20;10 - FUNCIONÁRIO PEDINDO PRO PESSOAL FAZER A FILA AGORA
- 08:55;13 - TOMADA DA FILA DE PRIORIDADE
- 09:21;04 - PLANO DA FILA DE PRIORIDADE DE COSTAS.
- 09:32;19 - **8ª SONORA** (ENGENHEIRO AGRÔNOMO - VALMIR)
1h07'17" - SAI PRA TER ESSE LAZER E TERMINA NÃO TENDO
1h11'18" - A MASSA SEMPRE LEVA A PIOR
1h11'28" - O LAZER MAIS EM CONTA PARA A MASSA É ESSE TIPO DE
LAZER. O LAZER GRATUITO.
1h11'51" - NÃO PODE IR PRA UM CLUBE, NÃO PODE IR PRA UM RESORT
- 16:10;18 - **9ª SONORA** (PROFESSORA - MARINEIDE)
1h14'17" - É UM DESPRAZER
1h14'57" - NÃO CONSEGUE SE EXPRESSAR PARA DIZER O QUE PRECISA
MELHORAR
1h18'30" - NÃO TEM LAZER MEU FILHO
1h18'50" - EU ESTOU INDIGNADA
1h19'19" - EU CHEGUEI DEZ HORAS (CRISE DE RISO)
1h19'35" - NÃO, AQUI NÃO TA ANIMADO NÃO. ANIMADO TAVA ERA
LÁ.AQUI NÃO.AQUI É SÓ TRISTEZA, VERGONHA. ISSO NÃO
É LAZER

- 29:21;23 - **10ª SONORA** (VENDEDORA AUTÔNOMA - ROSINEIDE)
1h28'50" - O LAZER? É O QUE EU TÔ AQUI AGORA. A GENTE VAI PRA PRAIA, TOMA UMA CERVEGINHA.. MAS EM PRIMEIRO LUGAR É O TRABALHO
- 32:13;29 - **11ª SONORA** (VENDEDOR AUTÔNOMO - JOSÉ PAULO)
1h30'20" - VÁRIAS PESSOAS JUNTAS, CADA CLIMA DIFERENTE, UM PASSANDO ENERGIA PRO OUTRO...NORMAL ISSO AÍ.
1h31'41" - EU ACHO QUE EU NEM TENHO LAZER.. QUE É SEMPRE TRABALHANDO. ISSO PRA MIM É GRATIFICANTE. SEMPRE NA CORRERIA
- 35:14;12 - **12ª SONORA** (VENDEDORA AUTÔNOMA - MARIA CAROLINA)
1h33'32" - MEU MOMENTO DE LAZER, EU SOU EVANGÉLICA, EU VOU PRA IGREJA
- 37:49;23 - **13ª SONORA** (DONO DA LANCHONETE - CRISTIANO)
1h35'22" - HOJE NOS SERVIMOS NOSSA ESPECIALIDADE . TEVE SETE VARIAÇÕES, SÓ QUE NO MOMENTO A GENTE CANCELOU PQ TA TENDO MUITA DEMANDA
- 38:53;29 - TOMADA DO TERMINAL NO MEIO DAS FILAS EM DIREÇÃO AO SAMBÃO
39:01;04 - SAMBÃO NA FILA
39:36;17 - PESSOAL DO SAMBÃO SE LEVANTA PRA ANDAR COM A FILA
- 39:54;22 - O CASAL DE NAMORADOS
- 40:18;04 - TOMADA DA FILA COM PILASTRA SUJA E PESSOAS E LIXO NO CHÃO
- 40:37;13 - VENDEDORA DE AMENDOIM
- 41:17;25 - EFEITO DOS RAIOS SOLARES NA CÂMERA
41:43;18 - TOMADA DOS AMBULANTE FAZENDO COMERCIO
- 41:58;10 - CHEGA UM SENHOR NA BOCA DA FILA. DEPOIS MAIS DOIS GAROTÕES CHEGAM
- 42:16;17 - DISCUSSÃO E ENCENAÇÃO PARA A CÂMERA
- 42:54;05 - PAN DA FILA DO FERRY IVETE E O PAGODÃO ENCENADO PARA A CÂMERA NA FILA
- 43:05;13 - TOMADA DA FILA COM PESSOAS SENTADAS
- 43:48;22 - MOÇA SENTADA COM BICICLETA ROSA AO LADO E A MULTIDÃO AO FUNDO
- 44:03;02 - MUITAS PESSOAS SENTADAS
- 45:00;15 - TOMADA GERAL DO TERMINAL E DA MULTIDÃO
- 45:03;06 - MOÇA DA BOLSA VERMELHA PASSEIA PROCURANDO O FINAL DA FILA /

PLANO GERAL DO TERMIAL

- 46:07;24 - CONFUSÃO NA ENTRADA DO PORTÃO. COM POLICIAIS FAZENDO A SUPERVISÃO
- 47:05;03 - MOÇA CARREGADA PARA ATENDIMENTO MÉDICO
- 47:38;05 - TOMADA DOS CARROS EM DIREÇÃO DO FERRY
- 48:09;29 - FILA DE CARRO VINDO DE FRENTE
- 48:42;19 - TOMADA DA FILA DE CARROS DE CIMA
- 49:08;10 - TOMADA DOS CARROS DESCENDO PARA A RAMPA DO FERRY COM O FERRY AO FUNDO
- 49:56;11 - TOMADA DOS CARROS PASSANDO PELOS CONES E ENTRANDO NO FERRY
- 50:17;07 - TOMADA COM A RAMPA AINDA VAZIA E OS GRITOS QUE ANUNCIAM O POVO DESCENDO A RAMPA
- 53:19;12 - TOMADA DOS CARRO COM BICICLETA rosa AO FUNDO NA PONTE SUSPensa PARA DESCER PRO DOSE DUPLA
- 53:37;21 - TOMDA DOS PEDESTRES SAINDO DA PONTE E ADENTRANDO A PORTINHA DO FERRY
- 54:13;29 - SOL CAINDO DETRAS DA PONTE. REFLETINDO NA ÁGUA
- 54:46;22 - SUBIDA DA RAMPA QUE CONDUZEM OS CARROS PARA O PISO INFERIOR DO FERRY
- 55:18;28 - SAÍDA DO FERRY AGENOR GORDILHO
- 56:48;07 - REFLEXO DO SOL NA ÁGUA
- FITA 3 - 10:40;07**
- 01:11;01 - AGLOMERAÇÃO DE PEDESTRES NO INTERIOR DO TERMINAL AGUARDANDO OS PORTÕES SEREM ABERTOS. FORMANDO UM CORREDOR DE GENTE QUALIDADE DA IMAGEM INFERIOR
- 01:25;26 - PLANO MÉDIO DOS CARRO EM FILA. ABRINDO PARA A FILA GERAL
- 01:48;19 - CÂMERA BAIXA PEGANDO A FILA DE CARROS C PESSOAS PASSANDO E PAGANDO OS GELOS QUE SEPARAM AS FILAS DE CARRO
- 02:03;21 - BOM PLANO COM OS CARROS DE COSTA NA FILA DE CARRO E AS PESSOAS DO LADO DE FORA DOS CARROS COM AS PORTAS ABERTAS
- 02:14;23 - ZOOM OUT NA FILA DE CARRO COM PAN 180°
- 02:25;03 - PAI ENCOSTADO NO CARRO, NA FILA DISTRAINDO A NENE DE COLO
- 1h55'42" - FILA DOS CARROS A ESPERA DO PORTÃO ABRIR. SOM ALTO COM ARROCHA

- 02:35;01 - **14ª SONORA** (INDUSTRIÁRIO - EDSON)
 1h56'50" - DESDE DOZE HORAS ESTAMOS AQUI E N SABEMOS QUE HORAS
 VAMOS EMBARCAR
 1h57'00" - ISSO É UM ABSURDO. UMA COISA TERRÍVEL
 1h57'09" - HA DÉCADAS QUE NOS ESTAMOS VENDO ISSO AQUI
 1h57'35" - PRA O USUÁRIO QUE PAGA CARO, NADA. NÓS SABEMOS DISSO.
 NÓS VIMOS PQ NÃO TEMOS JEITO. O SOFRIMENTO É SEMPRE
 1h57'52" - NÃO MUDA NUNCA. NÃO SEI SE É COISA DE
 BAIANO.....TOLERANTE DEMAIS COM ESSA SITUAÇÃO
- 04:20;23 - **15ª SONORA** (MOTORISTA - AUGUSTO)
 1h58'30" - CONCO HORAS E CINQUENTA MINUTOS E NÃO CONSEGUI
 EMBARCAR AINDA
 1h58'41" - HORRÍVEL. N TEM NEM O QUE FALAR, A QUEM RECORRER.
 PASSAR ESSA HUMILHAÇÃO AÍ
 1h58'48" - PACIÊNCIA. CHAMAR POR DEUS
 1h58'51" - NÃO VALE A PENA
- 05:38;16 - TOMADA DOS CARROS PASSANDO EM DIREÇÃO AO PORTÃO (UM CORSA
 PASSA POR UM BURACÃO! CHEIO DE BAGAGEM NA PARTE
 SUPERIOR DO CARRO)
- 06:00;11 - tomada com as DUAS MOTOS DA POLÍCIA PASSAM EM DIREÇÃO AO
 EMBARQUE
- 06:16;10 - **16ª SONORA** (TAXISTA - JAIME)
 2h00'50" - TEM SEIS HORAS QUE EU ESTOU NA FILA
 2h00'53" - UM DESRESPEITO COM O CIDADÃO PQ NOS PAGAMOS CARO
 2h01'05" - UM DESCASO TOTAL. QUE O GOVERNO TOME TENDÊNCIA E
 VEJA ISSO
 07:30;26 - MENINAS ENTRAM NO FUNDO DO CARRO E FICAM SE
 EXIBINDO PARA A CÂMERA FAZENDO POSES
 09:06;05 - JAIME CHAMA O AMIGO ESTRANGEIRO PRA DAR ENTREVISTA
 PRA NOSSA CÂMERA.
- 10:07;07 - **17ª SONORA** (empresária - Letícia)
 10:27;27 - fiquei seis horas na fila

DECUPAGEM HI8 - FITA 1 (time code final cut)

- 01:08;15 - INSERT DA ESTRUTURA DO TETO PARA A FILA E O PÁTIO DE
 EMBARQUE
 01:46;06 - TOMADA DE CIMA COM A PRIMEIRA SONORA. IMAGEM AZULADA. PEGA
 EQUIPE DE FILMAGEM
 02:20;18 - CAM E EQUIPE FAZENDO A 1 SONORA
 02:59;27 - CONTRAPLANO DO PRIMEIRO ENTREVISTADO
 05:27;10 - FILA ANDANDO. PESSOAS PASSANDO COM VENTILADOR, MALAS.
 MULHER OLHA P CÂMERA
 06:08;21 - CONTRAPLANO DA SEGUNDA SONORA
 07:05;16 - PRIMEIRO PLANO DO SEGUNDO ENTREVISTADO (TRABALHA NUMA

FARMÁCIA)

08:07;03 - BOM CONTRAPLANO DO SEGUNDO ENTREVISTADO
 13:48;11 - RAPAZ EM SEGUNDO PLANO COM BEBE DE COLO
 15:20'21 - BOM CONTRAPLANO DE CRISTIANE COM A "FIGURANTE" AO FUNDO
 36:36;22 - TOMADA DO CARINHA COM AS CAIXAS DE SOM
 36:51;24 - TOMADA DA CAIXA DE SOM QUE O CARINHA USA
 40:56;06 - BOA TOMADA DO BOM VIVÃ DE CHAPÉU E CORDÃO AZUL
 46:53;26 - TOMADA DO BOM VIVÃ COM A LATINHA DE CERVEJA E COPO NA MÃO
 48'28" - CONTRAPLANO DO BOM VIVÃ

DECUPAGEM - HI8 FITA 2

01:42;20 - TOMADA DE QUEM SALTOU DO ÔNIBUS E VAI SE DIRIGIR AO INÍCIO DA FILA
 05:46;29 - TOMADA DA FILA DA CINTURA P BAIXO. PÉS E MALAS PASSANDO
 07:03;26 - BOA TOMADA DA CINTURA P BAIXO
 07:28;27 - PESSOAS SENTADAS NO BATENTE COM MALAS NO CHÃO
 08:23;21 - TOMADA COM O CACHORRO E SEGUE EM DIREÇÃO A MENINA QUE REBOLA
 16:51;20 - OS PÉS ANDANDO EM FILA
 17:15;04 - SENHORA CONVERSA COM POLICIAL DA TROPA ESPECIAL
 26:26;10 - GRANDE EQUIPE DAS FORÇAS ESPECIAIS
 26:55;06 - CARRO DE OPERAÇÕES ESPECIAIS DA POLÍCIA
 32:59;02 - O BANHEIRO
 33:57;17 - WC FEMININO
 34:19;05 - SAMBÃO NA FILA
 36:37;14 - PESSOAL DANÇANDO E CANTANDO PAGODE
 38:03;23 - POLICIAIS TENTAM COIBIR OS FURÕES DE FILA
 39:15;05 - PESSOAL NA RETA FINAL DA FILA RESPONDE A PERGUNTA
 39:48;06 - CARRO DA POLÍCIA DE CHOQUE, MOTO DA PM E POLICIAS DA OPERAÇÕES ESPECIAIS
 40:55;25 - GAROTO REBOLANDO E DANÇANDO ENQUANTO AMIGOS BATEM PALMA
 41:38;02 - ROLETE DE CANA
 42:57;15 - MONUMENTO DE INAUGURAÇÃO DO TERMINAL DE EMBARQUE DE BOM DESPACHO
 44:47;27 - BANDEIRA DO BRASIL NA SAÍDA DE PRAIA DA MOÇA
 46:25;11 - CARRO DA CHOQUE SAI
 47:37;23- CARROS DA CHOQUE ATRÁS DO ALAMBRADO. BOM PLANO COM PROFUNDIDADE DE CAMPO

DECUPAGEM HI8 - FITA 3 (time code final cut)

00:46;23 - EU E O PESSOAL TENTANDO CONVERSAR COM OS FUNCIONÁRIOS DA TWB
 01:15;27 - O POLICIAL MILITAR ENTRA PELO PORTÃO DE PRIORIDADE
 03:38;17 - AGLOMERAÇÃO FRENTE AO PORTÃO DE GRATUIDADE E PRIORIDADE. UM RAPAZ COM UMA TATUAGEM ESCRITO JESUS NAS COSTAS

04:39;14 - MULTIDÃO PASSA PELO PORTÃO

06:58;19 - BOA TOMADA COM A FILA EM MASSA SE MOVENDO PARA ULTRAPASSAR O PORTÃO

07:44;07 - ÚLTIMO ESTÁGIO DA FILA, ANTES DO GUICHÊ. ENQUANTO O FUNCIONÁRIO DA TWB VARRE O CHÃO TRANQUILAMENTE. A MOÇA NA CADEIRA DE RODAS PASSA E OS MÉDICOS ATRÁS. ATÉ O FINAL DO SAGUÃO

08:19;22 - A GENTE ENTRANDO PARA TER ACESSO AO PÁTIO DOS CARROS

09:28;02 - BOA TOMADA DOS CARROS ANDANDO EM FILA. COM AS ÁRVORES AO FUNDO

10:55;16 - O TÚNEL VISTO DE FORA

13:05;19 - CACHORRO DESCANSA TRANQUILO NO BANCO

PESSOAL

14:14;02 - PESSOAL ATRÁS DAS GRADES QUE ANTECEDE O SAGUÃO

14:48;11 - TÚNEL VISTO DE FORA

18:58;26 - CACHORRO NO BANCO E POLICIAIS PASSA DE MOTO ATRÁS

19:35;27 - TRÊS POLICIAIS DA GARRA

21:47;20 - AMBULÂNCIA QUE TRANSPORTOU A MOÇA DA CADEIRA DE ROSAS

22:34;29 - TÚNEL VAZIO

22:43;18 - FUNCIONÁRIO ABRE A JAULA

26:45;29 - PESSOAL ATRÁS DAS GRADES ENQUANTO FUNCIONÁRIO REALIZA SEU TRABALHO

27:03;16 - SAGUÃO VAZIO E PESSOAL ATRÁS DAS GRADES

27:03;16 - O PORTÃO É ABERTO PARA PASSAREM PRO SAGUÃO

28:06;22 - PESSOAL SE AGLOMERANDO NA GRADE DO TÚNEL

28:26;18 - PESSOAL ATRÁS DAS GRADES QUE ANTECEDEM AS ROLETAS

ANEXO 2

ROTEIRO DE EDIÇÃO

travelling da fila carros GC> Ilha de Itaparica Bahia GC> início da fila de carros p/ embarque continuação do travelling	Off 1 termina o off eleva o BG
----- FADE GC> Bom Despacho FADE	-----
FADE Pan PG geral do terminal GC> Terminal Rodoviário de Bom Despacho - fila de pedestres	
Pessoas chegando c/ malas – loiro correndo FUNDE COM	
Percursso final da fila GC> é aqui o final da fila é cara?	
Imagem Cristina andando na fila ----- SONORA: Cristiane 16	-----
Passando pelo curral	
Senhor 2 garotões	
Multidão passa portão – muita tensão	
Multidão passa portão - confusão entrada portão	
SONORA: Cristiane 7 GC> Ludmila	
SONORA: Ludmila 5	
SONORA: Everaldo GC> Everaldo ----- SONORA: Everaldo 2	-----
Sambão na fila FADE OUT	Cross Fade no final cai audio
SONORA: Natanael 5 GC> Natanael FUNDE COM	

SONORA: Natanael 4 FUNDE COM	
SONORA: Natanael 1	
Funcionário formando fila	
Pessoal devagar tem criança na fila	
Pessoal devagar... assim vai ser difícil	
Pan fila prioridade	
SONORA: Tiago1 GC> Tiago	
Senhor bradando de costas	
Pessoal devagar tem criança na fila FADE OUT	
FADE IN GC> Murilo SONORA: Murilo – Caos, organização fila idoso	
Idoso fila prioridade	Cross Fade
Fila gratuidade confusão e aperto	
SONORA: Cristiane 13 FUNDE COM	
SONORA: Cristiane 14 FUNDE COM	
SONORA: Cristiane 15	
SONORA: Cristiane 8	
Rap hiper performance FUNDE COM	Cross Fade
Fila andando pés – plano detalhe	
Fila andando – PM	
Menina sentada – olhar de criança	
SONORA: Cristiane 17	
Reta final	Cross Fade
Policia! co!be fur!es	
SONORA: Reinaldo 5 GC> Reinaldo	
SONORA: Cristiane 3 FUNDE COM	
Mexe o balaio	Cross Fade
Dan!a na fila	

Dança na fila 1	Cross Fade
SONORA: Murilo – caos, organização fila idoso FADE OUT	Cross Fade
Geral ambulantes	
Vendedora amendoim	
Rolete de cana	Cross Fade
SONORA: Rosineide GC> Rosineide -----	-----
SONORA: Rosineide	
SONORA: José Paulo GC> José Paulo	
SONORA: Cristiane 11	
SONORA: Tiago 2	
Comunicação c/ TWB	
Policial entrando – comunicação c TWB	
Antes do guichê – rapaz varrendo e cadeira de rodas	
cachorro	
Equipe entrando p/ ala carros GC> acesso restrito	Cross Fade
Zoom out fila carro – c/ pan	
SONORA: Augusto 5 GC> Augusto FUNDE COM	
Fila carros c/ flamboiant	
SONORA: Edson – a décadas, tolerância GC> Edson FUNDE COM	
SONORA: Edson - a décadas, tolerância FUNDE COM	
SONORA: Edson - a décadas, tolerância	
Pai c/ filha fila carro	
Carros indo p/ ferry	
Carros entrando	
Carros entrando	
SONORA: Jaime 2 GC> Jaime	

